



VOLUME - V.2

NÚMERO - N.1

DEZ. - 2024

ISSN: 2966-1439

P.111-125

LINGÜÍSTICA GERATIVA E LINGÜÍSTICA BASEADA NO USO: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS

GENERATIVE LINGUISTICS AND USAGE-BASED LINGUISTICS: APPROXIMATIONS
AND DIFFERENCES

Elimária Oliveira Lima¹

RESUMO:

O presente texto tem como objetivo realizar uma comparação entre a Linguística Gerativa e a Linguística Baseada no Uso, evidenciando diferenças e aproximações no que diz respeito à arquitetura do conhecimento linguístico, à especificidade do conhecimento linguístico e aos mecanismos de aquisição da linguagem. Com base nessas questões e a partir de revisões teóricas, contrapomos e relacionamos as duas teorias, enfocando as ideias defendidas por Noam Chomsky, concernentes à perspectiva gerativa, e as ideias de Michael Tomasello, relacionadas à perspectiva baseada no uso.

Palavras-chave: Comparação. Linguística Gerativa. Linguística Baseada no Uso.

ABSTRACT:

This text aims to make a comparison between Generative Linguistics and Use-Based Linguistics, highlighting differences and similarities with regard to the architecture of linguistic knowledge, the specificity of linguistic knowledge and the mechanisms of language acquisition. Based on these questions and based on theoretical reviews, we oppose and relate the two theories, focusing on the ideas defended by Noam Chomsky, concerning the generative perspective, and the ideas of Michael Tomasello, related to the perspective based on use.

Keywords: Comparison. Generative Linguistics. Usage-Based Linguistics.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Mestra em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

INTRODUÇÃO

Um dos problemas centrais das ciências cognitivas contemporâneas é definir se e em que medida os mecanismos e as representações subjacentes ao nosso conhecimento linguístico são especificamente linguísticos. (Culberston; Kirby, 2016). O processo pelo qual uma criança adquire uma língua particular também constitui o rol das questões enigmáticas e complexas da natureza humana, acarretando uma variedade de indagações e discussões teóricas muitas vezes divergentes.

Neste texto, abordamos dois modelos teóricos concorrentes utilizados para explicar a natureza da linguagem, as formas de representação do conhecimento linguístico e os mecanismos de aquisição: de um lado, a Linguística Gerativa e, do outro, a Linguística Baseada no Uso.

A abordagem gerativa defende que a arquitetura do conhecimento linguístico é de caráter derivacional², que a cognição linguística funciona segundo princípios próprios e específicos e que o conhecimento linguístico é inato. Por outro lado, a abordagem baseada no uso defende que a arquitetura do conhecimento linguístico é declarativa³, que a cognição linguística não é essencialmente diferente da cognição não linguística e que os processos cognitivos de domínio geral são inatos, mas sofrem influência do meio.

Além da introdução e das considerações finais, o texto está organizado em três seções em que são discutidos cada um dos três parâmetros apresentados, observando diferenças e aproximações a partir dos modelos teóricos gerativo e baseado no uso.

1 ARQUITETURA DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

² Nessa perspectiva, a produção de frases e sentenças na língua ocorre a partir de um processo de **derivação**, ou seja, por meio de uma sequência de transformações aplicadas a estruturas iniciais. O significado é derivado da estrutura formal.

³ Nessa perspectiva, o conhecimento linguístico é entendido como um banco de **representações linguísticas** armazenadas na memória, que são **propriedades observáveis** da língua, adquiridas e construídas a partir da experiência e do uso real da linguagem.

A Linguística Gerativa pressupõe que os seres humanos possuem uma disposição inata para a competência linguística. Essa disposição inata é conhecida como Faculdade da Linguagem, em que parte da mente/cérebro é dedicada ao conhecimento e processamento da linguagem (Chomsky, 2008).

A Faculdade da Linguagem é algo como um órgão da linguagem, uma propriedade da espécie humana, com natureza própria e passível de ser parcialmente observada. De acordo com Chomsky, a Faculdade da Linguagem possui um estágio inicial, que é a Gramática Universal (GU), e um estágio final, que se caracteriza como o conhecimento gramatical altamente estruturado e complexo, atingido pelo falante.

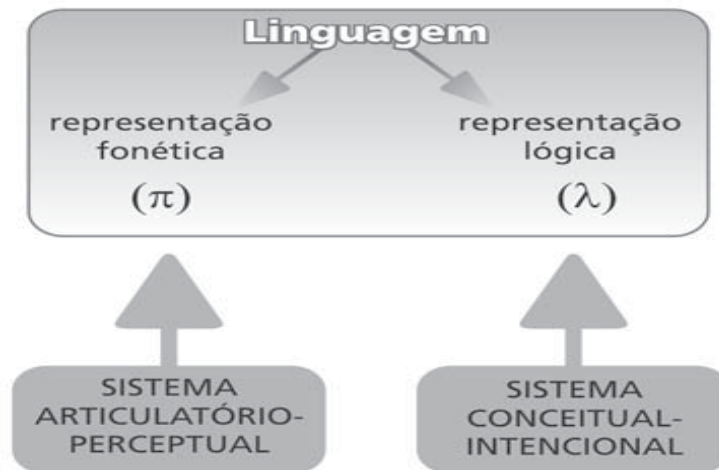
A corrente gerativa assume que a GU é composta por dois conjuntos de elementos: os Princípios, que são universais e comuns a todas as línguas humanas, e os Parâmetros, que são particulares e moldados conforme a experiência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a GU é interpretada como propriedade do cérebro humano e essa propriedade é a concretização biológica da Faculdade da Linguagem (Chomsky, 1995; Kenedy, 2013).

De acordo com Kenedy (2013), as representações construídas pela linguagem humana são de dois tipos: forma e conteúdo. Por forma (som), devemos entender uma representação fonética, representada pelo símbolo π^4 ; por conteúdo (significado), devemos entender uma representação lógica, representada por λ^5 . A questão que se impõe, portanto, é como os sistemas cognitivos acessam o par (π, λ) .

Figura 1 – Linguagem, o par (π, λ) e os sistemas de interface

⁴ Pronuncia-se *pi*

⁵ Pronuncia-se *lambda*



Fonte: Kenedy (2013, p. 120).

Chomsky (2008) aponta que a faculdade da linguagem inclui ao menos um sistema cognitivo que armazena as informações linguísticas. A partir disso, há os sistemas que acessam essas informações transmitidas pela Faculdade da Linguagem, que são os sistemas de desempenho, também chamados de sistemas de interface.

Os sistemas de desempenho são um conjunto de faculdades cognitivas responsáveis pelo acesso e uso das representações do par (π, λ) e têm a função de receber o produto (*output*) da linguagem e transformá-lo em dado de entrada (*input*) para outros módulos da mente, chamados de módulos de interface (Chomsky, 1995; Kenedy, 2013). Tais sistemas podem ser agrupados em apenas dois, sistema conceitual-intencional e sistema articulatório-perceptual.

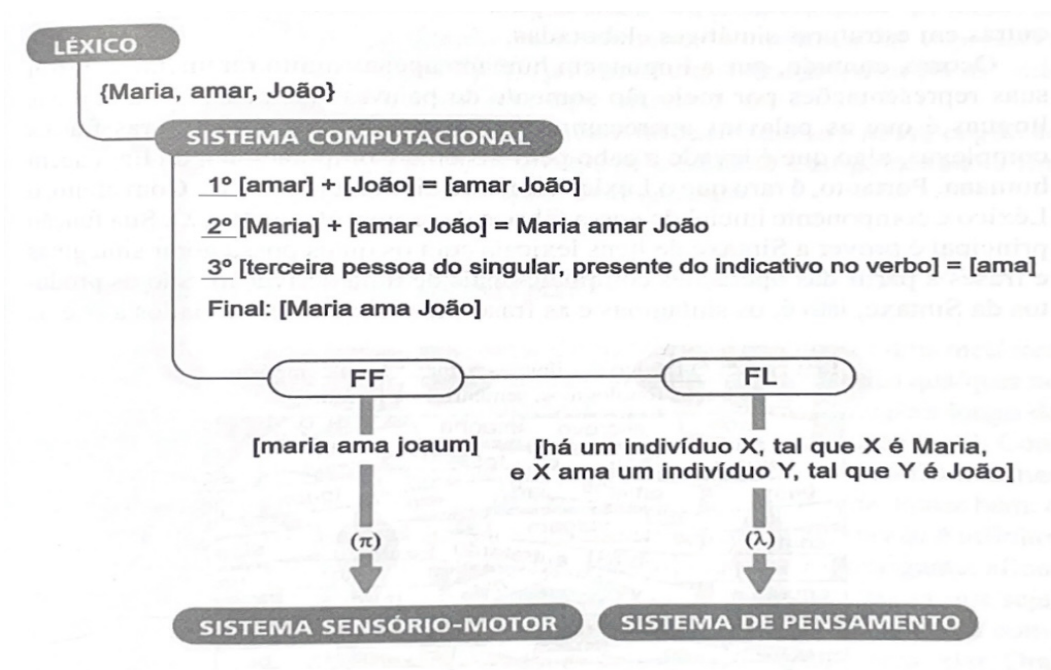
Conforme Chomsky (2008), as representações de som são acessadas pelo sistema articulatório-perceptual e as representações de sentido são acessadas pelo sistema conceitual-intencional. Desse modo, o sistema articulatório-perceptual se configura como a interface entre linguagem e o sistema sensório-motor, e o sistema conceitual-intencional se configura como a interface entre linguagem e pensamento.

Kenedy (2013) defende que nessa perspectiva teórica a linguagem é um sistema cognitivo específico que interage com outros no interior da mente humana, passando-lhes informações de som e de significado. O autor aponta, ainda, que a linguagem humana é uma espécie de fábrica de representações (π, λ) , que possui como componentes o Léxico, o Sistema Computacional, a Forma Fonética (FF) e a

Forma Lógica (FL). Cada um desses componentes desempenha uma tarefa específica, tal como selecionar as palavras que devem compor uma frase, sequenciar os constituintes da oração, especificar a pronúncia e a interpretação da representação produzida, dentre outras coisas.

Por exemplo, tomando como base a Figura 2, os itens {Maria, amar, João} são retirados do Léxico e enviados para o Sistema Computacional, que fará a combinação desses itens. Com a representação sintática formada, ela será enviada para a FF, que elaborará a forma fonética a ser entregue à interface sensório-motora, e para a FL, que construirá a forma lógica a ser enviada à interface conceitual-intencional.

Figura 2 – Os componentes da linguagem em funcionamento durante uma derivação



Fonte: Kenedy (2013, p. 127).

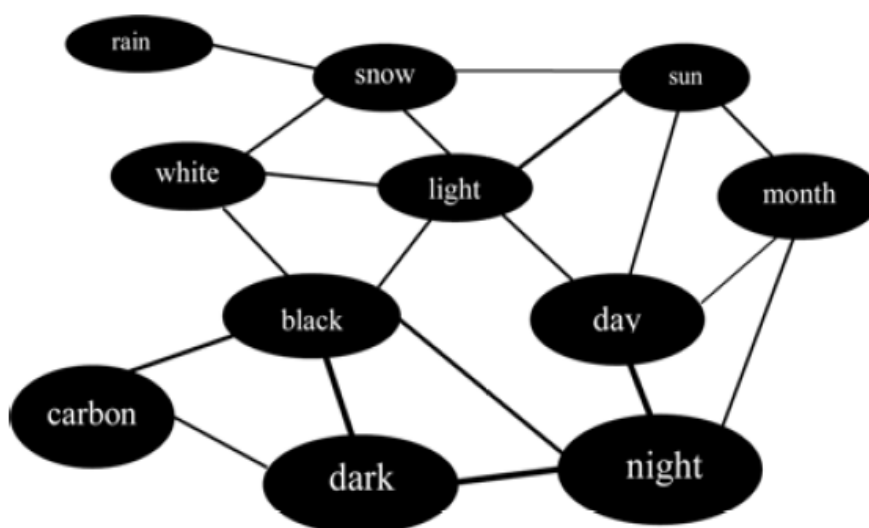
Para a Linguística Baseada no Uso (LBU), a gramática é um sistema dinâmico de categorias emergentes e restrições flexíveis que estão sempre mudando sob a influência de processos cognitivos de domínio geral envolvidos no uso da linguagem (Hopper, 1987; Langacker, 2008; Bybee, 2010). Nessa visão, a estrutura

linguística e a estrutura conceitual estão relacionadas, mas a relação entre elas é de forma indireta – é mediada pelo desenvolvimento da linguagem que, por sua vez, é impulsionada pelo uso da linguagem.

De acordo com Diessel (2015), as estruturas das línguas e suas mudanças são explicadas não só por fatores de ordem comunicativa, focando em aspectos semânticos, pragmáticos, funcionais, sociais e culturais, mas também por fatores de ordem cognitiva, como as habilidades cognitivas gerais que estão na base do conhecimento humano. Nessa perspectiva, o uso da língua é fundamental para a compreensão da natureza da linguagem, em que não se observa apenas o nível da frase, analisa-se, sobretudo, o texto e o diálogo; e, ainda, a língua não pode ser descrita, explicada, analisada como um sistema autônomo (Coneglian, 2015).

Diessel (2015) aponta dois princípios gerais que fundamentam ou restringem a análise da estrutura linguística neste modelo: primeiro, a estrutura linguística pode ser analisada em termos de signos complexos; segundo, todos os signos linguísticos estão ligados uns aos outros por vários tipos de ligações para que a gramática possa ser vista como uma rede dinâmica de signos interconectados.

Figura 3 – Rede Lexical



Fonte: Diessel (2015, p. 303).

É importante destacarmos que na linguística cognitiva o termo signo estende-

se a entidades gramaticais, ou seja, a construções. Construção, por sua vez, trata-se de uma unidade gramatical na qual um padrão estrutural particular está associado a uma função ou significado específico.

As construções variam ao longo de um *continuum* de esquematicidade ou abstração. O termo se aplica tanto a unidades gramaticais que estão associadas a lexemas particulares quanto a unidades gramaticais que são definidas sobre categorias abstratas, ou “*slots*”, que podem ser preenchidos por certos tipos de expressões. De acordo com esse modelo teórico, todos os padrões oracionais e frasais são analisados como construções, isto é, como signos linguísticos complexos que combinam um padrão estrutural particular com uma função ou significado particular. Nesse sentido, o falante não armazena simplesmente uma estrutura do tipo Sujeito + Verbo + Objeto, e sim algo como Sujeito/Agente + Verbo/Ação + Objeto/Tema. Trata-se, portanto, de um padrão que especifica ao mesmo tempo informações sintáticas e semânticas. (Pinheiro, 2020).

Em se tratando do segundo princípio da análise da estrutura linguística na perspectiva da Linguística Baseada no Uso, Diessel (2015) destaca quatro tipos diferentes de ligações entre elementos linguísticos que julga importantes para entender a arquitetura de rede da gramática nessa abordagem, que são as ligações taxonômicas, as ligações horizontais, as ligações sintáticas e as ligações lexicais.

Fazendo uma comparação entre os dois modelos teóricos, na abordagem gerativa, as expressões idiomáticas (ex.: “chutar o balde”, “nem tudo que reluz é ouro”) são analisadas como expressões irregulares que são armazenadas junto com as palavras no léxico mental. Por sua vez, na LBU, as expressões idiomáticas são analisadas da mesma forma que as expressões gramaticais não idiomáticas. Outro aspecto que diferencia as duas teorias é que para a LBU não há diferença de princípios entre gramática e léxico; na abordagem gerativa, gramática e léxico são dois componentes estritamente distintos. A LBU considera que se a estrutura linguística consiste em signos, é plausível que a gramática seja organizada da mesma forma que o léxico mental, que é comumente caracterizado como uma rede de signos ou símbolos relacionados.

Na Linguística Gerativa, as palavras individuais são irrelevantes para a análise gramatical, mas na abordagem baseada no uso a estrutura linguística é

fundamentada na experiência do usuário da língua com expressões lexicais concretas.

Outro enfoque diz respeito à estrutura sintática. Para a gerativa, a estrutura sintática da frase é analisada por um conjunto de categorias discretas que são definidas antes da análise sintática. Na abordagem baseada no uso, a estrutura da frase é emergente e não discreta, fundamentada na experiência do usuário da língua com sequências de elementos linguísticos que são combinados a unidades fluidas, o que torna a estrutura constituinte mais diversa e variável.

2 ESPECIFICIDADE DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

A capacidade de levar o conhecimento é uma habilidade de fundamental importância no uso de símbolos linguísticos e tem sido caracterizada como atributo da mente humana que distingue a comunicação humana da comunicação de outras espécies (Tomasello, 1999).

No que diz respeito à especificidade do conhecimento linguístico, de acordo com a Teoria Gerativa, a cognição linguística funciona segundo princípios próprios e específicos, em que o núcleo do conhecimento gramatical dos usuários da língua é atribuído a uma faculdade particular da mente (Pinker; Jackendoff, 2005). Por outro lado, para a LBU, não há uma faculdade linguística particular e o conhecimento gramatical é derivado da experiência linguística (Hopper, 1987).

Considerando a abordagem gerativa, Curtiss (1981) defende que há dissociações claras entre habilidades cognitivas linguísticas e habilidades cognitivas não linguísticas. De acordo com a autora, as principais implicações parecem ser que as habilidades semânticas lexicais e relacionais estão profundamente ligadas a um desenvolvimento conceitual mais amplo, mas as habilidades morfológicas e sintáticas, não.

Como apontado na introdução deste artigo, tanto a Linguística Gerativa quanto a Linguística Baseada no Uso assumem que as crianças fazem uso de alguma forma da capacidade inata. Embora essa capacidade inata para a aquisição da linguagem seja consensual, muito se discute sobre qual é a sua natureza, o que há

de específico. Pode-se dizer que os dois modelos teóricos aqui discutidos fazem parte do conjunto de correntes inatistas, em que a Linguística Gerativa assume que o aprendizado da linguagem é independente da cognição e de outras formas de aprendizado, e a Linguística Baseada no Uso assume que a linguagem é parte da cognição e que o mecanismo responsável pelo aprendizado da linguagem é também responsável por outras formas de aprendizado.

A partir da visão da LBU, Diessel (2019) afirma que o uso da linguagem envolve um processo de tomada de decisão que é determinado por fatores cognitivos de três domínios gerais - cognição social, conceptualização e memória - e que o uso da linguagem é uma atividade cooperativa que é impulsionada pelas intenções comunicativas dos interlocutores. Ou seja, nessa visão “não se dissocia a linguagem da experiência cotidiana nem do sistema conceptual humano” (Coneglian, 2015, p. 21).

Essa tomada de decisão diz respeito não só aos falantes, mas também aos ouvintes. Conforme Diessel (2019), cada palavra e cada estrutura tem múltiplas interpretações que dependem do contexto e do conhecimento dos ouvintes. O processo de tomada de decisão linguística é fundamental para entender como a gramática, o uso e a cognição estão relacionados. A partir disso, há um consenso entre os linguistas baseados no uso de que tanto os aspectos de natureza cognitiva quanto os aspectos de natureza discursiva são importantes determinantes na aquisição e no uso do conhecimento linguístico. Esse modelo teórico não nega a hipótese do inatismo, pois, conforme Martelotta (2009), os seres humanos realmente nascem com aptidões inatas que os estimulam a aprender, de modo que não se pode distinguir rigidamente entre o que é inato e o que é aprendido.

Em contraposição a esse pensamento, o modelo gerativo defende que a linguagem, além de se configurar como um componente inato da espécie humana, tem como princípio básico a autonomia do conhecimento linguístico, em que a linguagem está separada da cognição e está localizada em um módulo independentemente.

Na Linguística Gerativa, essa disposição inata dos seres humanos para a competência linguística é conhecida como Faculdade da Linguagem. Tomando por base a distinção entre o que constitui o essencial da Faculdade da Linguagem e o

que não é especificamente linguístico ou não é especificamente humano, Hauser, Chomsky e Fitch (2002) fazem uma reflexão sobre a existência de uma faculdade da linguagem em sentido amplo (FLB) e uma faculdade da linguagem em sentido estrito (FLN). Os autores defendem que a FLB inclui um sistema sensório-motor, um sistema conceitual-intencional e os mecanismos computacionais para a recursão⁶, e a FLN inclui apenas a recursão, sendo este o único componente exclusivamente humano da faculdade da linguagem.

Ainda na perspectiva gerativa, considerando a especificidade da cognição linguística, Pinker (1994) aponta que pessoas com atraso ou problemas mentais não necessariamente apresentam problemas linguísticos, como ocorre com aquelas que possuem a síndrome de Williams. Por outro lado, o autor afirma que há famílias inteiras com problemas linguísticos, enquanto suas capacidades cognitivas são normais. Como exemplo, ele cita uma família britânica em que a mãe apresenta deficiência de linguagem e apenas um dos cinco filhos é linguisticamente normal. Ou seja, para Pinker (1994), isso reforçaria a hipótese da autonomia do sistema linguístico em relação a outros sistemas cognitivos. Guimarães (2017) acrescenta que estudos têm apontado que a gramática é processada no cérebro por sistemas neurais e meios representacionais e computacionais próprios, não os mesmos responsáveis por outros aspectos da cognição.

Curtiss (1981) defende que o desenvolvimento concomitante de sistemas cognitivos linguísticos e não linguísticos é a norma, e é nesse contexto de desenvolvimento mútuo que a linguagem normal se desenvolve. No entanto, a autora destaca que devemos olhar também para a separabilidade do sistema linguístico e sua possível independência de outros aspectos da mente.

Observa-se que nesse ponto a abordagem baseada no uso contrasta fortemente com a abordagem gerativa. Na Linguística Gerativa, o núcleo do conhecimento gramatical dos usuários da língua (competência) é atribuído a uma faculdade particular da mente, incluindo categorias inatas e restrições que são exclusivamente necessárias para a linguagem (Pinker; Jackendoff, 2005). Na Linguística Baseada no Uso, não há uma Faculdade da Linguagem particular e o

⁶ Capacidade de gerar uma gama infinita de expressões a partir de um conjunto finito de elementos.

conhecimento gramatical é derivado da experiência linguística. Nessa visão, a gramática é um “fenômeno emergente” (Hopper, 1987) moldado por mecanismos psicológicos gerais como categorização, abstração e analogia.

Sobre esses mecanismos, Diessel (2019, p. 31) os define da seguinte forma:

- Categorização: processo pelo qual uma nova experiência é classificada como uma instância de uma categoria ou esquema existente.
- Abstração: processo pelo qual os usuários da linguagem generalizam através de múltiplas experiências com propriedades sobrepostas e, assim, criam um novo conceito ou esquema.
- Analogia: extensão de um esquema existente para um novo item.

3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

De acordo com Curtiss (1981), como uma criança adquire a linguagem é uma questão central da teoria linguística que permanece essencialmente sem resposta. Isso implica questionamentos relativos à qualidade e à quantidade de entrada necessária para que ocorra a aquisição da linguagem, e questões relativas à natureza das habilidades neuropsicológicas e cognitivas que a criança deve trazer para a tarefa de aprendizagem da linguagem.

Algumas propostas tentam explicar como se dá esse processo e porque ocorre da maneira como ocorre. Com isso, apresentamos argumentos das duas principais hipóteses contemporâneas – a inatista (Linguística Gerativa) e a construtivista (Linguística Baseada no Uso) – acerca da aquisição e do desenvolvimento da linguagem. Destaca-se que as duas teorias assumem que, de alguma forma, as crianças fazem uso da capacidade inata, porém, a hipótese construtivista tem como premissa que a explicação baseada em *input* é a única possibilidade realista de uma teoria viável da aquisição da linguagem.

A proposta de que o ser humano é dotado de uma gramática inata remonta a Chomsky (1965). O autor propõe que a criança tem um dispositivo de aquisição da linguagem (DAL) inato que é ativado e trabalha a partir de sentenças gerando como resultado a gramática da língua à qual a criança está exposta. Para Chomsky (2005,

p. 35), a aquisição da linguagem pode ser comparada com o “crescimento de órgãos – é algo que acontece a uma criança, e não o que a criança efetivamente faz”.

Conforme Guimarães (2017), nascemos sabendo uma dose substancial de gramática, um conhecimento específico e não compartilhado com outras capacidades cognitivas. Na tarefa de internalizar uma determinada língua, fazemos uso de um conhecimento estritamente gramatical, comum a todos os membros da espécie e por isso universal.

A universalidade, nesse sentido, faz referência às fases que toda criança não só passa por elas, mas também passa na mesma faixa etária e na mesma ordem. É como se ela dispusesse de um calendário maturacional que é seguido de modo natural e inconsciente independente da sua vontade e dos que a cercam. Ou seja, na hipótese inatista, as fases e as regras universais estão previstas a partir do componente inato, sendo apenas uma questão de tempo sua concretização.

Outro aspecto defendido por esta hipótese é que os estímulos que uma criança recebe durante o período de aquisição são finitos, porém, ao final desse período de aquisição, as frases e os discursos que elas podem produzir e compreender são ilimitados e potencialmente infinitos. A hipótese construtivista não nega a universalidade, no entanto, considera que estes estágios apenas refletem a maturação da inteligência geral e a aquisição da linguagem interage com outros fatores de ordem cognitiva e social. Ainda, o conhecimento linguístico depende da natureza e da frequência de eventos de uso encontrados no ambiente.

Um dos argumentos utilizados na defesa do inatismo gramatical é o *Argumento da Pobreza de Estímulo*. Segundo Chomsky, os estímulos são pobres porque não possuem todas as informações necessárias para a aquisição do conhecimento linguístico. Kenedy (2013) acrescenta que o conhecimento que a criança constrói sobre a estrutura da sua língua não pode ser deduzido unicamente a partir das informações contidas nos estímulos linguísticos.

Guimarães (2017) chama atenção para outro fato que aponta ser uma evidência que reforça a hipótese inatista, as chamadas línguas pidgins e crioulas. De acordo com o autor, “um pidgin não é uma língua genuína, mas um código de comunicação verbal que emerge em situações atípicas em que populações falantes de línguas bem distintas se encontram” e se comunicam a partir de fragmentos da

gramática e do léxico de ambas as línguas (Guimarães, 2017, p. 316).

A hipótese construtivista defende que o mecanismo responsável pela aquisição da linguagem também é responsável por outras capacidades cognitivas e que as crianças constroem a linguagem. Para Ambridge e Lieven (2015), essa abordagem é emergentista em dois sentidos: primeiro, no sentido de que as generalizações subjacentes à competência linguística emergem da análise de unidades linguísticas armazenadas na memória, em vez de serem especificadas inatamente; e segundo, no sentido de que a aquisição da linguagem das crianças é um subproduto de seu uso da linguagem como uma ferramenta social. Os autores defendem que a aquisição começa a partir de holófrases, que se desenvolvem por meio de um processo de abstração, primeiro em esquemas lexicais e, finalmente, em construções abstratas do tipo adulto.

Com base na visão construtivista, a frequência das experiências linguísticas desempenha um papel central na aquisição da linguagem. Ao entrar em contato com eventos de uso, acredita-se que as crianças memorizam peças concretas de linguagem formadas a partir de uma sequência sonora associada a outras informações recuperadas do contexto interacional (Nardy *et. al.* 2013). Ao conectar sequências memorizadas com base em suas semelhanças formais ou funcionais, as crianças generalizam esquemas permitindo-lhes produzir enunciados que nunca ouviram antes (Tomasello, 2003). Dentro dessa perspectiva, com base em itens estáveis e recorrentes, elas estabelecem um primeiro nível de abstração.

Para Tomasello (2003), esse processo de abstração se dá por meio de dois processos cognitivos, a analogia e a análise distributiva funcional. O processo de analogia apaga os elementos concretos dos esquemas que se tornam elementos abstratos definidos de acordo com seu papel na estrutura, e a análise distributiva funcional permite o surgimento de categorias como substantivo, verbo etc. formadas a partir de termos específicos que cumprem um papel comunicativo nos enunciados percebidos e produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste texto, promoveu-se uma discussão sobre a arquitetura da linguagem, a especificidade do conhecimento linguístico e o processo de aquisição da linguagem a partir da perspectiva gerativa e da perspectiva baseada no uso.

Ambos os modelos teóricos assumem a linguagem como uma capacidade inata e uma habilidade exclusiva da espécie humana. Embora comunguem a ideia de uma predisposição inata para a aquisição de uma língua, a Linguística Baseada no Uso e a Linguística Gerativa apresentam vários pontos divergentes, como a modularidade ou não da cognição e como ocorre a influência dos fatores biológicos e socioculturais no desenvolvimento linguístico-cognitivo humano.

Na perspectiva gerativa, a linguagem é assumida como um sistema de conhecimento autônomo e a cognição linguística funciona segundo princípios próprios e específicos. Por outro lado, para a perspectiva baseada no uso, a linguagem é considerada um sistema de conhecimento integrado às demais faculdades da mente e a cognição linguística não é essencialmente diferente da cognição não linguística. Esta abordagem também defende uma articulação entre fatores biológicos e socioculturais, em que o conhecimento linguístico é construído a partir da experiência linguística do falante e é permanentemente moldado por ela.

REFERÊNCIAS

AMBRIDGE, B.; LIEVEN, E. A constructivist account of child language acquisition. In: MACWHINNEY, B.; O'Grady, W. (Org.). *The handbook of language emergence*. Malden, MA; Oxford: Wiley Blackwell, 2015, p. 478-510.

CONEGLIAN, A. *Os juntivos causais e concessivos do português brasileiro na perspectiva cognitivo-funcional: uma análise da ligação conceptual dos elementos gramaticais em uso nessa zona adverbial*. 190f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger Publishers, 1986.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Arquitetura da linguagem*. Bauru, SP: Edusc, 2008.

CULBERSTON, J.; KIRBY, S. *Simplicity and specificity in language: domain-general biases have domain-specific effects. *Frontiers in Psychology*, 6: 1964, 2016.*

CURTISS, S. *Dissociations between language and cognition: cases and implications. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 11, n. 1, p. 15-30, 1981.*

DIESSEL, H. Usage-Based Construction Grammar. Handbook of Cognitive Linguistics. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (Org.) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

DIESSEL, H. *The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.

GUIMARÃES, M. *Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. *Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, v. 298, n. 5598, p. 1569-1579, 2002.*

Hopper, P. *Emergent Grammar*. Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, v.13, p. 139–157, 1987.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In.: MARTELOTTA, M. E. et. al. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

NARDY, A.; CHEVROT, J.; BARBU, S. *The acquisition of sociolinguistic variation: looking back and thinking ahead*. Linguistics, De Gruyter, 2013.

PINHEIRO, D. Linguística funcional-cognitiva: fundamentos teóricos e aplicação ao ensino de língua. In: FREITAS JR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S. (Org.) *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

PINKER, S. *The Language Instinct*. New York: William Morrow and Co., 1994.

PINKER, S.; JACKENDOFF, R. *The faculty of language: what's special about it? *Cognition*, 95(2), 201-236, 2005.*

TOMASELLO, M. *The item-based nature of children's early syntactic development. *Trends in cognitive science*, 4, 4, p. 156-163, 2000.*

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.